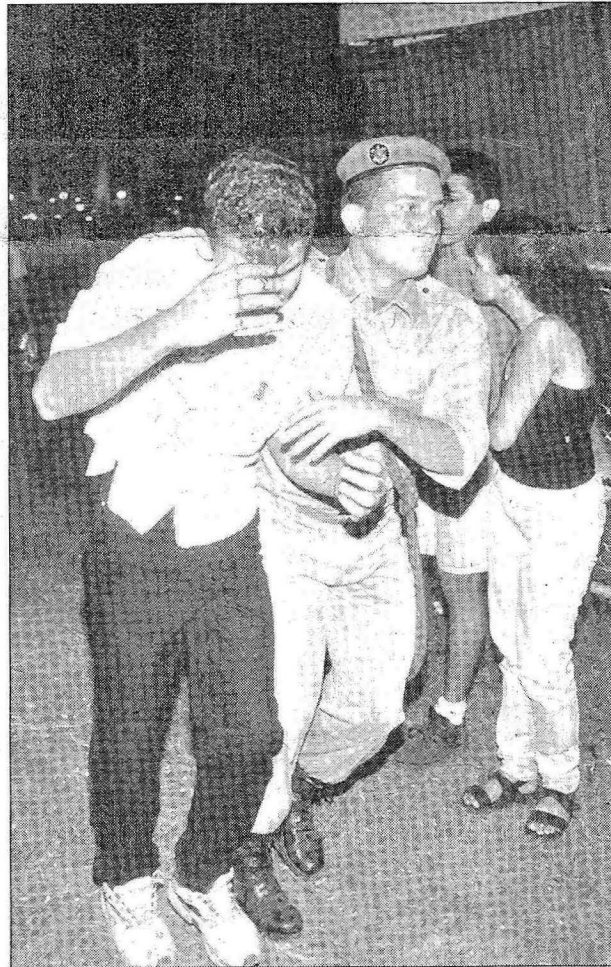




Marilza Pereira levou chutes na boca e nas costas e se juntou ao bloco de vítimas da violência, que atingiu muitos jovens



BRIGAS PIPOCAM NA MULTIDÃO

O namorado briga com a namorada e espirra gás lacrimogêneo no rosto dela. Um folião fura o escrivão da Polícia Civil com um estoque. Um PM à paisana, de bermuda, é detido com um revólver carregado. Tiros, facadas, roubos, socos e pontapés: a *Pipoca* é fogo.

Que o diga **Marilza Pereira**, 20 anos, moradora do Guará II. Ela e a irmã, **Luznete**, 18 anos, foram sozinhas para a *Micarê*, de ônibus. Marilza bebia Martini quando um rapaz pediu um gole. Marilza deu. Ele pediu mais, ela negou. O rapaz acertou um chute na boca e outro nas costas da moça.

"A gente vem para se divertir, mas é obrigada a passar por isso porque não tem dinheiro para entrar num bloco. Falaram para não vir em turma, para não ter confusão com outra galera. Aí, eu venho só com a minha irmã e acontece uma coisa dessa", chorava Marilza, com a marca do solado de um tênis estampada nas costas.

Ao procurar um PM para pedir providências, ouviu o conselho irônico: "Bota um gelo e esquece: Isso aqui é a *Micarê*".

O estudante A.O, 17 anos, de Sobradinho, também sentiu na pele o que é a *Micarê*. Ele estava sentado no gramado da Esplanada quando uma gangue passou por perto. Sem dizer nada, um desconhecido deu um soco na sua boca.

"É assim mesmo, um vem pra se divertir, o outro pra aprontar. Mas eu adoro música baiana", conformava-se, com a boca sangrando.

TRUCULÊNCIA

Já o comerciante **José Cleacir de Souza**, do Gama, tem poucos motivos para gostar de *axé music*. Na noite de sexta-feira, ele levou 15 caixas de cerveja para vender. Os ladrões roubaram seu Opala 79, com as bebidas e tudo. "Devem estar rodando com o meu carro e as minhas cervejas", lamentava.

A vida dura da *Pipoca* não poupou nem o pipoqueiro Eluir Pinto, morador da Estrutural. Primeiro, ele viu as vendas despencarem dos R\$ 200,00 diários registradas na *Micarê* de 1995, para os míseros R\$ 20,00 deste ano. "Deve ser a crise, né?", conformava-se.

Depois, teve o relógio roubado e recuperado em seguida pela polícia, que prendeu o ladrão. Mas não ficou satisfeito: "Eu queria só dar uma puxadinha no cabelo do vagabundo, mas a PM não deixou".

Ao que parece, os PMs não queriam dividir com ninguém a tarefa de espancar presos, como o lavador de vidraças **Francisco Menezes Sobrinho**, 26 anos, morador do Acampamento da Telebrasilândia, detido não sabe porquê.

Francisco caía de bêbado, mas os PMs exigiam que ele ficasse em pé, com as pernas abertas e as duas mãos apoiadas no ônibus da corporação, juntamente com os outros presos. A cada vez que ele escorregava pela lateral do ônibus, era levantado pelos cabelos e levava socos nas costas e na cabeça.

A cena se repete até que os policiais se rendem ao óbvio e deixam o preso sentado no chão. É de madrugada e uma queima de fogos de artifício anuncia o fim da festa. Francisco fica em pé e bate continência para o céu iluminado.

Pipoca é fogo.